

**UMA ABORDAGEM DO TEMPO NA FICÇÃO CONTEMPORÂNEA A
RESTANTE VIDA, DE MARIA GABRIELA LLANSOL**

Juliana Braga Guedes⁴⁵

Resumo

O ensaio far-se-á, em torno da obra, da autora contemporânea, Maria Gabriela Llansol, intitulada *A Restante Vida* e componente da trilogia *Geografia de Rebeldes*. A proposta apresentará, uma nova forma de apreender, o tempo da narrativa na obra literária. Para tal, convidamos para dialogar, com o texto llansoliano, o pensador francês, Paul Ricoeur, o crítico brasileiro, Benedito Nunes e a escritora, Maria João Cantinho. Com esses autores, mostraremos um contraponto entre a historiografia tradicional e a liberdade ficcional da escritora portuguesa. Assim, problematizaremos a categoria tempo, em um processo sutil de desconstrução das amarras canônicas da narrativa. Por fim, a análise terá como centro, a escrita de Llansol, para uma leitura mais polissêmica das instâncias temporais.

Palavras-chave

Tempo, narrativa, escrita.

Abstract

This essay will be about the work of the contemporary writer, Maria Gabriela Llansol, titled *A Restante Vida* part of the trilogy *Geografia de Rebeldes*. We propose a new way of understanding the narrative time in literary work. To this end, to invite dialogue with the text *llansoliano*, the french thinker Paul Ricoeur, the brazilian critic Benedito Nunes and the lusitanian writer Maria João Cantinho. With these authors we will show a counterpoint between traditional historiography and fictional freedom of the portuguese writer. So we will problematize the time category, in a subtle process of deconstruction of bonds canonical narrative. Finally, the analysis will center Llansol writing for a more polysemous reading of instances of time.

Keywords

Time, narrative, writing.

⁴⁵ Mestranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: guedesbjuliana@gmail.com

Na obra em epígrafe, da autora lusitana e contemporânea, publicada pela primeira vez em 1983 e composta pela trilogia *Geografia de Rebeldes* nos é apresentada uma nova forma de apreender o tempo literário.

Embora na folha de rosto do livro seja colocada como ficção portuguesa, observamos que a linguagem llansoliana, no decorrer da narrativa, é deveras poética. De acordo com o índice da obra, ela é dividida por um sumário de seis partes, que contém os capítulos, um adendo com fotografias e um posfácio. Nesse trabalho, analisaremos a primeira parte da narrativa, intitulada *meses de batalha*, e problematizaremos a categoria *tempo* tão cara à literatura.

Essa nova forma temporal não contemplará gerações anteriores, não buscará antecessores, heranças ou uma tradição histórica sobre o passado. Ela é feita de sonhos. Sem um criador ou epígono, *A Restante Vida* trata de imagens poéticas, que são afecções por si mesmas e que substituem o papel funcional e convencional das personagens. O tempo flutua entre os espaços e distorce as imagens.

Por entendermos, a partir de uma tradicionalidade, os objetos que nos circundam, como existências da criação do mundo, ao nomeá-los e deixá-los repletos por uma memória através da palavra, a narrativa, aqui tratada, nos permitirá em contraponto figurar as imagens através de uma ressignificação, que escapa à determinação essencial. Nesse ponto, concordamos com o pensamento agambeniano⁴⁶ no qual o nome nomeia sempre e somente coisas. Portanto, fugimos da nomenclatura que daria apropriação às coisas. Logo, deixaremos transparecer através da desnomeação dos objetos llansolianos alguns signos em rotação, mas sem abriremos mão de sua materialidade.

Utilizaremos o nome de Llansol, sua alcunha de autora, para reforçarmos o seu estilo, através da escrita, e nos distanciaremos de uma identidade civil-profissional. As imagens tratadas na narrativa são transitórias e o tempo llansoliano é incognoscível:

Hoje é o dia 10 de Novembro. Peço-te que escolhas os meus objectos mais amados para enterraes no teu jardim. Uma vez em campa estabelecidos, terão o seu lugar permanente de estadia. E muito tempo há-de correr por mais breve que seja (LLANSOL, 1983, p. 14).

⁴⁶ AGAMBEM, Giorgio. *A comunidade que vem*. Trad. Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Para que os objetos amados permaneçam em uma existência pura, a voz narrativa prefere enterrá-los, ou seja, matá-los, para romper com a nomenclatura prosaica, que os conecta ao mundano. Os *meses de batalha*, em *A Restante Vida*, estão visualmente estruturados, como uma espécie de diário íntimo. Os capítulos, que não têm essa nomenclatura, da ordem natural de uma ficção, são divididos por meses. A narradora começa no mês de novembro e encerra a fábula poética, se nos é permitido entender assim, nos meses de setembro e outubro. Interessante como a obra se pauta em uma aparente cronologia, mas desliza a significação do tempo no decorrer da trama, pois não sabemos com propriedade o ano no qual esses meses foram vivenciados. Ela não narra uma história convencional feita de registros históricos com uma época específica ou provas de autenticidade.

A escrita de Llansol nos transmuta para uma metamorfose de fragmentos desconexos, mas coerentes. Um estranho tempo é criado e composto por nomes históricos e místicos, sem passado e sem presente, mas com um devir, que contamina o mundo do texto. Essas figuras advindas da História literária ou filosófica e evocadas pela narrativa llansoliana, como por exemplo: Tomás Müntzer – teólogo alemão da era da Reforma do séc. XVI -, Frederico Nietzsche – filósofo alemão contemporâneo do séc. XIX -, João da Cruz – frade espanhol e poeta místico -, Eckhart – teólogo da Idade Média e grande expoente do misticismo, entre outros, às quais a autora se refere não possuem mais a denominação de indivíduos documentados ao longo do tempo historicizador. Portanto, assumem uma nova identidade ficcionalizada e a-histórica, no universo llansoliano através de um sentimento afetivo, que os ressignificam em seres por vir:

Para onde davam os quartos de seus amantes fazia parte da mensagem que, durante um ano, João da Cruz, Nietzsche, o próprio Müntzer e o desconhecido Eckhart viriam viver com ela, naquela casa; havia sido confirmada a presença de Pégaso, do peixe Suso, do urso e até do porco, em lugares privilegiados, aberta a porta sobre o jardim que era sereno, e imenso de pedras calcetadas; (LLANSOL, 1983, pp. 15-16).

No trecho acima percebemos que Ana de Peñalosa está rodeada de mensageiros os quais ocupam os espaços dos quartos, servindo-a com sensualidade para a feitura da escrita durante o tempo de um ano. As figuras históricas assumem a função de mensagem, de código e não mais de identidade como personagens existentes no passado. O misticismo dos nomes: Pégaso, do peixe Suso, do urso e do porco formam

essa genealogia distinta para a árvore da vida da escrita em torno de um ambiente familiar que seria a casa.

Paul Ricoeur (2010), pensador francês, fez um estudo sobre o entrecruzamento do tempo da ficção com o tempo da História, na obra *Tempo e Narrativa*. Não obstante, tentaremos capturar nesse trabalho uma direção temporal da narrativa escorregadia de Maria Gabriela Llansol.

Quando falamos em História, remetemos a um tempo passado do “real”, pois foi registrado através de documentos e observado por testemunhas, ou seja, pessoas reais, que existiram no passado. Já os personagens romanceados são “irreais”, por serem ficcionalizados, artisticamente. Essa irrealidade está mediada pela intersecção do mundo do texto com o mundo do leitor, que configura a significância da obra de ficção. Por isso, Ricoeur retoma a estratégia retórica de Aristóteles na qual posiciona os meios que o autor utiliza para persuadir o seu leitor. Entendemos que a estratégia retórica compõe a irrealidade na ficção e faz o leitor acreditar que está em um mundo estruturado e comum como o da realidade cotidiana que nos circunda.

Ademais, um dos problemas dessa “realidade” predecessora, que se encontra no passado, volta-se para a memória e não para a observação. A História coloca os homens do presente ante a tarefa de resgatar os mortos do passado. A memória de um acontecimento no passado é bem diversa da redescrição presente, da leitura constante daqueles que se dispõem a relatar e a trazer à tona o ocorrido através da colheita de dados e da observação de fatos em uma determinada instância do passado não vivenciada por essa memória presente. Nesses termos, a memória do hoje não pode ser a mesma daquela observação reunida em um passado longínquo. A observação é a testemunha dos eventos dos mortos. Por isso, o mundo da ficção, diverso do mundo da História, constitui uma relação, mais íntima e livre, com o próprio texto, estabelecendo uma suspensão do tempo historicizador, podendo circular dentro do *chronos* sem amarras pretéritas e sem pretensões de uma verdade colhida por testemunhas. Cria-se uma virtualidade temporal sem predecessores.

A crítica historiográfica tradicional nos parece sempre em dívida com os antepassados, pois se constitui de influências, fontes e originalidade ou imitação. A narrativa literária contemporânea busca na “irrealidade” um mundo mais autêntico, sem a angústia de um Criador antecessor, “estava escrito que a casa sonhada não podia servir de abrigo, nem de cama, nem de mesa, mas de lugar de batalha” (LLANSOL, 2001, p. 17). A batalha configura um tempo literário de embate com o espaço edênico da casa.

Pois sabemos que o signo da casa é construído como um espaço de tranquilidade, repouso, um local familiar e de segurança. Contudo, aqui o tempo literário fica à margem da “casa-escrita”, não mais àquela dos sonhos, a casa como existência de um lar, assumindo uma nova função poética, um lugar de guerra, pois não conseguimos determinar o tempo, em momento sequer, nos eventos da obra da escritora portuguesa.

A leitura configurará o percurso do tempo narrado e o ponto de intercessão do mundo do leitor e do mundo llansoliano (ficcional). Para desdobrarmos a “irrealidade” temporal da obra, intervirmos sem escrúpulos na narrativa como se o romance não tivesse autor, pois as vozes narrativas sobrepostas e os objetos de afecção por si mesmos condensam nossa análise em torno do tempo. Esses elementos contemporâneos: vozes sem nomenclatura, objetos e imagens a-funcionais, embora repletos de sentimento e personagens a-históricas reunirão o composto alquímico do tempo llansoliano. Portanto, o exercício será apagar esse autor, como identidade civil, para ascender à operacionalidade do texto e da construção do tempo de batalha formado pelos meses de novembro até outubro de um ano desconhecido, nessa primeira parte de *A Restante Vida*, através da reflexão da escrita crítica do fazer literário.

A batalha parece moldar a metamorfose dos acontecimentos e dos objetos narrados, nos seduzindo por uma a-historicidade. O método utilizado, nessa pesquisa, conflui para uma leitura mais polissêmica das instâncias da temporalidade. Logo, não utilizaremos da estética kantiana⁴⁷ na qual o tempo organizaria experiências cognoscitivas ou do pensamento santo agostiniano⁴⁸ feito da tríade: passado, presente e futuro no qual o presente do passado estaria na memória, o presente do presente na visão e o presente do futuro na expectativa. Estamos de encontro a uma presença do ausente feita de rastros. A noção do presente não se reduzirá à presença óptica, sensorial ou cognitiva do termo, mas englobará o presente do sofrer e do gozar e mais ainda o presente da iniciativa. A batalha é o presente do início de uma crise construída por sufocantes atmosferas interiores e de um desenvolvimento feito de aporias como o é nos ritmos da vida cotidiana. Nessa casa reside o desastre do tempo.

Com o signo da casa, Ana de Penãlosa, personagem e uma das várias vozes narrativas da obra em análise, vai destrinchando a batalha na qual a escrita assume uma

⁴⁷ KANT, *Crítica da Razão Pura*, citado em *Palavras da Crítica*, pp. 344-45.

⁴⁸ AGOSTINHO, *Confissões*, citado em *Palavras da Crítica*, p. 346.

personificação e figura o tempo da criação artística, concomitante ao tempo da faixa etária:

Sem que a portada se abra, a casa não existe. Vê-se ao fundo e enuncia anos para viver; habitada pela escrita, uma mão se move em cada sala, vai exprimindo os futuríveis que os olhos vêem, proas projectadas para adiante. Onde está a criança? Onde está o velho? Onde está a idade madura? Onde está a minha segunda pessoa imaginária, onde está a terceira pessoa da Santíssima Trindade em que João diz que habita? (pp. 18-19).

No trecho acima, concordamos com Bakhtin⁴⁹, em seus estudos sobre o *cronotopo*, literalmente, tempo espaço, pois aponta uma relação complexa e entrelaçada entre o espaço e o tempo na literatura. Parece-nos que o preenchimento da casa não é feito de móveis ou pessoas, mas de escrita-viva. A porta representa a entrada e impedimento para o interior do ambiente no qual se forma o movimento vacilante da escrita. A criança, o velho e a idade madura seriam os tempos biológicos das personagens em criação nessa “presentificação” da mão que pulsa por escrever.

O objetivo da autora lusitana, nessa mutação dos tempos, está em afirmar a imanência da escrita nos objetos da casa e nas personagens a-historicizadoras. Por isso, somos favoráveis à dissolução da unidade da linguagem, que causa conflitos aos cânones da representação e da narratividade asseveradas pela crítica historiográfica tradicional. Não obstante, nos permitimos a desagregação convencional das regras, comungando com o pensamento de Agamben⁵⁰, que nos possibilita devolver potência à literatura ao tratamos do não humano do texto e escapando da subjetividade para nos apropriar de algo que gira em torno do ausente. A escrita llansoliana precisa ser entendida como “experiência”, naquilo que de mais radical tem. Pois apenas nessa radicalidade podemos chegar à mão que, habitada pela escrita, percorre as salas de uma casa em pleno campo de batalha.

A batalha e o confronto, na obra *A Restante Vida*, entre *língua-escrita* e *objeto-afeto*, localizados em um *corpo-casa*, que possui voz própria, na narrativa de Llansol e nas falhas poéticas da linguagem, estariam fora de um tempo sucessivo e histórico, anulando-os; e em acordo, fundando contingentes epifanias, que enfraqueceriam a

⁴⁹ BAKHTIN, *Forms of Time*, citado em *Palavras da Crítica*, p. 346.

⁵⁰ *Op.cit.*

unidade do texto, em partes completamente alegóricas e na utilização fragmentária da narrativa.

Nossa dificuldade em conceituar o tempo consiste na falsa ilusão de que cada um detém o seu significado, por estar arraigado nas atividades triviais do dia a dia. Como se fosse um saber espontâneo, o tomamos por um movimento, quase linear o qual pode ser medido por: relógios, ampulhetas, cronômetros. Essa periodicidade regular mascara a reflexão sobre a temporalidade. O tempo humano diverge do tempo do texto.

Maria Gabriela Llansol fortifica a literatura através da pulsão da escrita sob a erosão da unidade do texto, transformando a narrativa em fragmentos, ou em soluções de vida para firmar a “experiência” escritural. O tempo epifânico nos ajuda a tracejar os cambaleantes passos das vozes sobrepostas e falta-nos fôlego de apreender os meses dessa batalha, que proporia uma problematização da criação literária:

De noite nada existia a não ser a chama. Sobre a água, era o fogo fátuo do rio. Embora ninguém estivesse presente, para Ana de Penãlosa a certeza tornara-se tão intensa que já há muito tempo milhares de remos batiam. Fechou os olhos para ser possuída pela chama. Era do pavio da vela que seus filhos nasciam, em noites tempestuosas ou límpidas, dava-os à luz sempre em lugares diferentes, ora na praia, ora no sangue, ora no lugar mais recôndito da casa. Rapidamente cresciam com várias formas, vozes, estaturas (p. 19).

A realidade da obra é apresentada por novos ângulos, a partir de um processo de desfiguração do tempo e da ordem comum. As imagens são dissolvidas, sofrem um descontexto e adquirem uma nova significação. A escrita suplanta uma autonomia e a autora se torna apagada. Assim, o tempo do texto se confirma em torno da batalha do escrevedor. Alinhamos esse pensamento ao de Ricoeur⁵¹ (2010) no qual a liberdade da ficção provém da habilidade de persuasão do autor implicado, para impor ao leitor a força de convicção, que sustenta a visão de mundo do narrador. E nos aproximamos cada vez mais do conceito de escritura de Roland Barthes⁵² no qual as marcas ambíguas da escrita comporia o espaço da linguagem destruindo qualquer criador, sujeito e origem passando a agir diretamente sobre o texto.

Assim, o discurso do universo llansoliano encontra um procedimento diferencial na narrativa literária, pois possibilita ao leitor, uma ordem não previsível dos eventos. Não obstante, a obra em estudo estimula, através das imagens-objetos, um movimento

⁵¹ RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Trad. Claudia Berlinder. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. v. III.

⁵² BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

mais poético, um tempo deformado e em constante criação, diferente da correria pontual e engessada do mundo do calendário prosaico.

Os intervalos, nos *meses de batalha*, rompem com o esperado contínuo de um discurso histórico. Para equacionar esse tempo literário, precisamos romper com a ideia de relato teleológico e levantarmos suspeitas sobre o funcionamento da narratividade. Principalmente, quando utilizamos o deslocamento da unidade textual para a ondulação das ocorrências de estilo da escrita e observamos um composto simbólico, que renuncia às categorias tradicionais e diegéticas das personagens, no qual a narrativa se conecta a um rompante do fazer literário.

Tempo e escrita de Maria Gabriela Llansol

Em outras palavras, a obra de Maria Gabriela Llansol se distancia das metáforas constitutivas de uma retórica tradicional - componentes de um artifício aristotélico para persuadir o leitor. Não contamos com o estudo dos tropos. O estilo da escritora busca na escrita romanesca uma “impostura” da língua - plano discursivo sem centro; portanto, o “núcleo” narratológico se forma no desvanecimento do tempo. Não “teleologizamos” a temporalidade, pois experimentamos um afrouxamento ou escorregamento entre as instâncias polissêmicas do tempo. Em *A Restante Vida*, algo está, sempre, por acontecer ou a acontecer. O espaço é possuído por um tempo de abandono e de fantasmagoria, que oscila em um resgate de diáfana memória pessoal de uma escrita pulsante. Uma memória feita de presentificação, de criação planejada em sonhos perdidos e de uma escrita dissipadora do sujeito. A escrita volta-se para si mesma ao externar a experiência radical do fenômeno que a torna o núcleo da narrativa.

As vozes da narrativa perpassam, enquanto uma quer dizer para a outra, através do silêncio de Penñosa ou dos ruídos percebidos na casa, um rumorejar da palavra. Os momentos de descanso, observação, sonhos, epifanias compunham a forma e o conteúdo do tempo íntimo de *os meses de batalha*. Através da intimidade da casa, materializada sob uma significação prosaica, embora saibamos que na narrativa ela assume uma função que é a da escritura. O tempo, as personagens e os objetos adquirem nomeações poéticas não presas às funcionalidades para tratar do fazer literário.

Desde logo, nossa atenção se distribuiu entre a desconexão da representação histórica e da narratividade poética da autora contemporânea. A história não é mais a soma das coisas transmitidas sob a autoridade de uma tradição; portanto, nos

esforçamos em descobrir o enigma de um tempo narratológico tão problemático para a literatura. A história dos historiadores difere das memórias das pessoas comuns. Ademais, a narração da ficção percorre uma liberdade na imaginação, que renova a história literária através dessa captura da presentificação e no apontamento das aporias do tempo cotidiano.

Na escrita llansoliana se delimita o tempo pretérito como indisponível desde o início, ao utilizar nomes de personagens que viveram na História documentada, mas assumiram identidades ficcionais e ao não apresentar uma época datada para a ocorrida batalha. A temporalidade praticada é um *vir-a-ser* repleto de vida. O texto se contrapõe aos conceitos de escrita narrativa e representação, para um sentido radicalmente vivo da escrita, quando João da Cruz “não se tinha penteado e a metade dos cabelos submergia a página” (LLANSOL, 2001, p. 25). Essa escrita fundante e fundadora do presente afirma a presença de uma imanência da escrita ao corpo do texto através do organismo biológico da personagem João da Cruz. Portanto, implementamos no presente trabalho um favorável discurso de defesa ao não-histórico e um sutil tratado na desconstrução crítica das amarras canônicas da narrativa.

Bibliografia

AGAMBEM, Giorgio. **A comunidade que vem**. Trad. Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CANTINHO, Maria João. “Imagem e tempo na obra de Maria Gabriela Llansol”. In: **Faces de Eva**, n. II, Lisboa, Editora Colibri, 2004, pp. 70-88.

KRENAK, Ailton. “Antes, o mundo não existia”. In: **Tempo e História**. (Org.) Adauto Novais. São Paulo: Cia. Das Letras, 1992.

JOBIM, José Luis. **Palavras da Crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

LLANSOL, Maria Gabriela. **A Restante Vida**. Lisboa: Relógio D'Água, 2011.

NOVAES, Adauto. **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NUNES, Benedito. “Tempo”. In: **Palavras da Crítica**. (Org.) José Luís Jobim. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Trad. Claudia Berlinder. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. v. III

_____. **A memória, a história, o esquecimento.** Trad. Alain François [et al.]. Campinas: UNICAMP, 2007.